

A Literatura e o Viver: o mundo dos adolescentes nos livros literários
Literature and Living: the teenage world in literary books

Ray da Silva Santos¹

Universidade Federal de Sergipe

Camila Ferreira de Carvalho²

UniAGES

Sara Goretti Ferreira³

UniAGES

Resumo: Ao ampliar a visão de mundo do sujeito e ao colocá-lo a vivenciar novas realidades, por meio da sua subjetividade e caráter estético, a literatura o auxilia a ser mais compreensível e a se autoconhecer. Dentre as obras literárias que estão a fazer sucesso entre o público, estão os *best-sellers* *A Culpa é das Estrelas* (2012), de Jonh Green, que aborda a vida de alguns jovens que enfrentam o câncer, e *As Vantagens de Ser Invisível* (2007), de Chbosky, livro que tem como centro a vida de um adolescente que sofre por se sentir só. Em vista disso, nosso trabalho propõe trazer algumas definições a respeito da literatura, bem como entender alguns dos porquês do sucesso da literatura de massa no mundo dos ávidos leitores. Para tanto, realizou-se o fichamento das obras literárias supracitadas e, posteriormente, uma breve análise qualitativa, tendo como base as pesquisas bibliográficas realizadas acerca do tema. Tornou possível entender que alguns romances da literatura de massa problematizam a vida dos jovens e colocam no centro do enredo temas que até então eram marginalizados sociologicamente ou apenas esquecidos de forma acentuada na literatura, como o câncer, a depressão, o primeiro amor e questões sobre a sexualidade.

Palavras-Chaves: Literatura; Adolescência; Leitores; *Best-Sellers*.

Abstract: By enlarging the world view of the subject and by experiencing new realities, through his subjectivity and aesthetic character, literature helps him to be more understandable and self-knowing. Among the literary works that are making a success among the public, are the best sellers *The Fault in Our Stars* (2012), by Jonh Green, which addresses the lives of some young people facing cancer, and *As The Perks of Being a Wallflower* (2007), by Chbosky, which brings on the scene a teenager who suffers from feeling alone. In view of this, our work aims to bring some definitions about literature, as well as to understand some of the reasons for the success of mass literature in the world of avid readers. In order to do so, the above mentioned literary works were recorded and, subsequently, a brief qualitative analysis, based on bibliographical research on the subject. It has become possible to understand that some novels of mass literature problematize the life of young people and place at the center of the plot themes that were previously sociologically marginalized or only strongly neglected in the literature, such as cancer, depression, first love and questions about sexuality.

Key-words: Literature; Adolescence; Readers; Best-Sellers.

¹ Mestrando em Cinema e Narrativas Sociais (UFS). Graduado em Letras (UniAGES). Especialista em Estudos Linguísticos e Literários (UCAM). E-mail: ray.lettras@hotmail.com

² Graduada em Letras Vernáculas pela UniAGES. E-mail: camilacarvalhoprofessora@hotmail.com

³ Graduada em Letras Vernáculas pela UniAGES. Especializando-se em Metodologia e Prática no Ensino em Língua Portuguesa pela FAIARA. Professora de Língua Portuguesa na rede pública estadual da Bahia. E-mail: sarahlemos.sl@hotmail.com

Submetido em 18 de novembro de 2017

Aprovado em 10 de dezembro de 2017

1. A literatura

Conceituar a literatura não é uma tarefa muito simples; a busca por uma definição teve início na Antiguidade Grega, por volta dos séculos V e VI a.C.. Alguns, de forma inicial, definem-na como sendo uma escrita fictícia e imaginativa sobre a realidade empírica. Conforme Eagleton (2013), talvez a literatura seja definida pelo fato de empregar uma linguagem peculiar, transformando e intensificando a linguagem comum. À medida que isso procede, é notório que a linguagem empregada em obras literárias se distancia da fala cotidiana, porque possui plurissignificados, metáforas e metonímias, ambiguidade. Dessa forma, o que torna a linguagem literária única é o fato de ela modificar a linguagem comum por intermédio de artifícios literários, como as figuras de linguagem, que são capazes de causar estranhamento nos indivíduos, ao ser algo diferente daquilo com que estão acostumados a vivenciar no cotidiano.

O texto literário já foi alvo de vários estudos, mas não há respostas exatas sobre seu conceito. Gaignoux (2014) explica que, para os autores, a diferença entre texto não-literário e texto literário é que este possui função estética enquanto aquele exerce uma função utilitária, ou seja, informar, explicar, responder, etc.. Destarte, o texto literário permite que o autor recrie o mundo por intermédio das palavras, “o autor procura recriar certos conteúdos na organização da expressão” (SAVIOLI; FIORIN, *apud* GAIGNOUX, 2014, p. 3).

Ledo (2001, p. 03) vem afirmar que “literatura nada mais é do que uma combinação de palavras com uma intenção estética”. Ao se combinarem, as expressões geram novos significados, por intermédio de uma linguagem subjetiva, permitindo ao autor criar uma nova realidade por meio da imaginação. Dessa forma, a literatura é invenção de uma nova realidade baseada em situações da vida e na própria visão de mundo do escritor. Conforme Barthes (2014), a literatura é utópica, pois proporciona a criação de novas realidades, voltar ao passado e a idealização de um futuro.

Culler (1999, p. 28) fala que a pergunta *o que é literatura?* “pede não uma definição, mas uma análise, até mesmo uma discussão sobre por que alguém poderia, afinal, se preocupar com a literatura”. Com isso, percebemos o quão complexa essa arte é, porque não há uma literalidade intrínseca em todas as obras literárias. Ao falar em

literatura, muitas pessoas lembram-se de poemas e poesias, apesar de estas estarem inseridas no contexto literário, não formam sozinhas a arte da palavra. Eagleton (2013, p. 8) explica que:

[...] De modo geral, porém, considera-se que a literatura contenha muitas outras coisas além da poesia – por exemplo, obras realistas ou naturalistas que não são linguisticamente autoconscientes, nem constituem uma realização particular em si mesmas. Por vezes, um estilo é considerado “bom” precisamente porque não atrai sobre si mesmo uma atenção indevida: admiramos sua simplicidade lacônica ou sua sobriedade.

Em suma, sua definição incita compreender o tipo de efeito que o conteúdo é capaz de causar nas pessoas. Ou seja, uma mesma obra literária pode despertar sentimentos diferentes entre os sujeitos, isso dependerá do seu estado emocional no momento e de quais sentimentos e sensações os conjuntos de palavras irão despertar, por meio das associações (in)consciente dos leitores.

Eagleton (2013) afirma que o leitor pode definir se o texto é uma obra literária ou não, independentemente do que o autor tenha pensado. Destarte, diz-se que a partir do momento em que uma história é contada, o autor perde sua voz dentro do texto, Barthes (2004) explica que nesse momento ocorrerá a morte do autor.

A interpretação do leitor sobre determinado texto pode contrariar a intenção que o autor teve ao escrever a obra. Em decorrência disso, percebe-se que, ao interpretar uma obra literária, o leitor cria outro texto, uma vez que viaja em sua imaginação e expande os fatos apresentados. Ao ler um poema sobre o amor, por exemplo, o leitor poderá associar aquele conteúdo à sua vida pessoal, a outra obra que já leu, ou até mesmo a algo que ele nunca vivenciou, mas presenciou. Segundo Eagleton (2013, p. 17), “todas as obras literárias, em outras palavras, são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem, na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’”.

Eagleton (2013, p. 15) diz que “uma obra pode ser considerada como filosofia num século, e como literatura no século seguinte, ou vice-versa”. Dessa forma, é válido ressaltar que nenhuma obra está isenta de modificações, pois os valores podem mudar de um período para outro e isso fará com que as pessoas apreciem a obra literária de acordo com sua época. Assim, um texto pode ser valorizado hoje e no futuro pode ser formada uma sociedade que não atribuirá valor algum a essa mesma obra, ou até mesmo não valorizada no momento pelo âmbito acadêmico e futuramente ser considerada um

clássico. Dito isso, fica claro que a definição de literatura depende de vários fatores sociais e que estes são alterados constantemente.

Lajolo diz que a classificação de uma obra literária vai depender muito da linguagem empregada:

É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza literária de um texto. O que torna qualquer linguagem isto ou aquilo é a situação de uso. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana (LAJOLO, 1984, p. 38).

Com isso, percebe-se que a linguagem é um fator decisivo na definição de uma arte literária. Ainda segundo a autora, a literatura é a porta de um mundo autônomo que não tem fim na última folha do livro, porque a obra literária inquieta o leitor, levando-o a incorporar a arte, a fazer associações e, com isso, desperta sentimentos e ações no sujeito. Logo, é de suma importância ressaltar que “literatura não transmite nada. Cria” (LAJOLO, 1984, p. 43).

1.1 A literatura de massa

A literatura, como visto, é detentora de diversas definições, pois as obras literárias são subjetivas, mutáveis e permitem ao sujeito viver situações que não são possíveis no mundo real. Sua linguagem é carregada de valor estético e que deforma a realidade empírica, causando estranhamento nos leitores. De acordo com Lajolo (1984, p. 16), “a obra literária é um objeto social”; para existir, é necessário que haja alguém que escreva e alguém que leia, e, além disso, sofre influências políticas-ideológicas.

No decorrer da disseminação da literatura e do surgimento de leitores, percebeu-se a sua importância na aquisição e disseminação de conhecimentos. Isto posto, valores estéticos e classificadores, baseando-se também em discursos políticos-ideológicos, foram sendo atribuídos à literatura, tornando-a um objeto de segregação social. São consideradas “alta literatura” os textos que as instâncias legitimadoras (pertencente a classe dominante) atribuem alto valor estético e prestígio social, inserindo-a no cânone literário. As demais obras que não se enquadram nas ideologias propostas pelos dominantes são categorizadas como “literatura popular”, “literatura de massa”, como os *best-sellers*.

Em seu artigo *O best-seller e a formação do gosto pela leitura dos jovens leitores* (2015), Lima, Souza e Corsi trazem uma problematização pertinente do que seria essa nova literatura e qual a influência da mídia na formação do gosto literário dos jovens. Para tanto, os autores iniciam sua pesquisa afirmando que a relevância do livro literário não está apenas em si mesmo, porque ele precisa do contato com o leitor para ganhar vida. O gosto literário surge a partir da leitura de livros detentores de enredos que começam a despertar sensações específicas e prazerosas em seus sujeitos. Há aqueles que gostam de leituras que flutuam com mais facilidade, detentoras de elementos do cotidiano atual dos leitores. Porém, outros se envolvem com a conquista desafiadora advinda de uma leitura mais densa, a qual exige mais persistência e atenção, por causa da alta carga estética da linguagem.

Conforme Lima (et al., 2015, p. 193), o hábito da leitura é extremamente importante para o desenvolvimento cognitivo e é o caminho primordial para a (re)construção dos conhecimentos, por isso é um dos meios mais antigos para adquirir e perpetuar informações. Desde o século XVIII, a leitura se popularizou e auxiliou na propagação dos diversos gêneros literários, proporcionando novos e diferentes meios de aquisição do saber e de autoconhecimento. Com isso, o leitor ganhou notoriedade no comércio e os gêneros literários foram submetidos às leis da economia capitalista e se transformando em mercadorias. A literatura passa a ser uma atividade econômica e lucrativa que se expandiu ao se inserir no modelo capitalista. Assim,

com a interferência do leitor, o autor, a partir do século XVIII, passa a escrever para obter dinheiro, mesmo que isso signifique menor empenho estético. O conceito de valor passa a existir, no campo da literatura, não só como finalidade estética, mas também econômica.

O ato de ler, segundo Lima (et al., 2015, p. 193), além de ser uma rica fonte de conhecimento, passa a proporcionar poder e *status* na sociedade. Enquanto a classe média debruçou-se na literatura popular – os veículos de massa –, a elite abraçou a literatura considerada clássica. Conseqüentemente, a literatura subdividiu-se em: literatura culta (pertencente ao cânone literário) e a literatura de massa (os textos excluídos dos centros acadêmicos).

A literatura de massa é um discurso produzido pela indústria cultural, que apresenta diferenças em relação à literatura culta, influenciada diretamente pela escola e por outros mecanismos institucionais que delimitam o que é arte literária ou não. Com o surgimento da literatura de massa, o leitor, muitas vezes, passa a fazer suas escolhas

fora do ambiente escolar, obedecendo, portanto, a uma lei de mercado. Em vez de ler um livro, consome uma mercadoria.

Os *best-sellers*, termo que se refere aos livros mais vendidos do momento, nasceu da cultura de massa. Ao ser narrativas com uma linguagem mais acessível, aproximando-se do uso do cotidiano, obteve enorme receptividade popular e ao mesmo tempo foi ignorado pelo âmbito acadêmico e pela classe dominante.

De acordo com Zilberman (*apud* LIMA et al., 2015, p. 198), diferentemente da literatura culta, na literatura de massa a criação literária é mediada a partir da oferta e da procura: uma “fórmula” é criada e, a depender do êxito, é utilizada para a criação de novos enredos, até que seus leitores se enfadam da temática. A literatura culta, por sua vez, é guiada pela descoberta dos sentimentos e expansão dos limites estéticos da linguagem literária, tem valor estético inovador e causa forte estranhamento no leitor.

A repetição se torna, na cultura de massa, um círculo vicioso, podendo propagar-se não só com o mesmo autor, mas também com escritores diferentes, que, ao verem o êxito de um determinado assunto, passam a criar uma obra com características semelhantes. O objetivo é, pois, vender o maior número possível de títulos. Muitas vezes, não há a preocupação com a experiência estética por parte do leitor, que prefere digerir a reprodução da fórmula a ler algo mais profundo e inovador (LIMA et al., 2015, p. 198).

Aranha e Batista, em *Literatura de massa e mercado* (2009), mostram-nos que a literatura de massa é vista como aquela que nada exige daquele que lê, ao ser comparada com a literatura culta. No entanto, Umberto Eco (*apud* ARANHA; BATISTA, 2009, p. 125) desconstrói tal paradigma “ao afastar as expressões *literatura de massa*, *baixa literatura*, *paraliteratura* em favor de uma distinção entre *literatura de entretenimento* e *literatura de proposta*”. Para o autor, é a *originalidade* e o *esforço* que diferenciam os dois tipos de textos.

Eco mostra-nos, quanto a *originalidade*, que a *literatura de entretenimento* se preocupa em aproximar o seu enredo ao leitor, havendo balanceamento entre uma história e elementos populares e inovadores, enquanto a *literatura de proposta* busca uma experiência singular da expressividade literária e de leitura. Em relação ao *esforço*, na *literatura de entretenimento* há o uso de uma linguagem menos rebuscada, aproximando-a da forma simples e natural do cotidiano do leitor, possui uma economia vocabular e o resgate dos elementos clássicos das narrativas, como o clímax, catarse, desfecho. Por sua vez, a *literatura de proposta* investe no inovar para desafiar os

leitores: os enredos, em sua maioria, não seguem o modelo clássico, além de usufruir exaustivamente da expansão vocabular da língua.

Muniz Sodré, consoante Aranha e Batista (2009, p. 126), afirma haver dois tipos de literatura, cada uma com características peculiares em relação à produção e consumo. A literatura de massa não pode ser considerada inferior à culta, porque é um tipo de texto que atende a uma parcela da população que não tinha o hábito de ler. Todos os textos literários estão a problematizar, com suas peculiaridades, a vida do homem, portanto, possuem seu valor estético e social.

Os *best-sellers*, de acordo com Ferreira et al. (2017, p. 38), estão dentro do sistema não canônico. Como justificativa para tal exclusão, alguns críticos afirmam que essas obras nascem a partir do movimento da oferta e procura, não por meio da intenção de expandir os limites da língua. Vale ressaltar que

as obras das denominadas literaturas de massa expõem uma linguagem mais aproximada do uso cotidiano, com uso de gírias e vícios de linguagens e personagens caricatos, mas tais características não são sinônimas de uma literatura inferior, pois enredos mais flexíveis demonstram a pluralidade que há na língua.

Segundo Sodré (*apud* Ferreira et al., 2017, p. 39), a literatura de massa, por abordar temas do cotidiano, principalmente de uma forma leve, é um caminho fértil para o incentivo à leitura. Apesar de muitas obras serem ditadas pelas demandas mercadológicas, o seu conteúdo subjetivo, instigante e pedagógico não é anulado. Os ávidos leitores podem realizar uma leitura crítica desses livros, se autoconhecer e recriar seus conhecimentos.

Muitos jovens dão preferência para obras atuais, mas que raramente são trabalhadas em sala de aula, por estarem fora do cânone literário. O gosto pela literatura contemporânea, principalmente pelos famosos *best-sellers*, surge no momento em que o leitor se identifica com os personagens, as tramas, a linguagem (principalmente quando consegue compreender a linguagem utilizada de maneira rápida), e por problematizar o seu cotidiano que está em constante metamorfose e adrenalina.

Sabemos, portanto, que a literatura, de maneira sucinta, refere-se à produção artística movida pelo uso da linguagem. Surge quando o sujeito se deixa ser tocado pelo mundo interior e exterior e tenta transformar as sensações que surgem em palavras. Estas despertam sentimentos e emoções em quem lê, produzindo amor ou repulsa pela narrativa. No entanto, a literatura, além de ser um meio de materializar os sentimentos, é

uma rica fonte de conhecimento e também um transmissor e perpetuador de ideologias dominantes.

1.2 importância da literatura

A importância da literatura é um assunto que gera muitos questionamentos entre os indivíduos. É notório, entretanto, que ela permite ao sujeito entender sobre si próprio e o mundo que o rodeia. Isso resultará em um grande crescimento interior que refletirá em seu meio social, pois todos aqueles que leem alguma arte literária estão sujeitos a grandes transformações, ninguém permanece o mesmo ao terminar de ler um texto.

O processo de leitura não é iniciado apenas quando a criança é inserida em um âmbito escolar, antes disso ela já consegue ler o mundo que o rodeia, é capaz de descrever o que está à sua volta. Ao ler, o sujeito percebe as diversas relações existentes no mundo que o rodeia e se torna mais consciente de si e do que acontece à sua volta.

A literatura está presente na vida de todos os indivíduos. Segundo Candido (2004, p. 174), “não há homem que possa viver sem ela”. A todo momento estamos fugindo do mundo real e voando nos mais profundos pensamentos, recriando a realidade. Essa amplitude literária “parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (p. 175). É importante destacar que Candido, em seu texto, traz a literatura no seu sentido mais amplo, englobando as músicas, o folclore, as cantigas populares e os livros literários, por exemplo.

De acordo com Candido (2004), a literatura pode confirmar e negar, apoiar e combater ideologias e experiências, permitindo ao indivíduo viver problemáticas de forma dialética. Para Compagnon (1996), ao ler um texto, o leitor extrai citações que passam a ser não apenas recortes, mas textos autônomos, desligando-se do que vem antes e depois. Tais informações adquiridas estão relacionadas à capacidade interpretativa dos indivíduos. Ao concluir a leitura de uma obra, o leitor se lembrará apenas daquilo que conseguiu atraí-lo, do que proporcionou fazer interligações com a sua vida.

Um fator muito discutido em relação às obras literárias e sua importância é o sentido. A junção das propriedades do texto com as experiências do leitor irá determinar o sentido da obra. Por esse motivo, fala-se que a literatura é capaz de mexer com os sentimentos do leitor, porque ao se deparar com uma linguagem subjetiva, é possível se

encontrar no que está exposto no texto, à medida que relaciona com suas experiências de vida. O sentido “é tanto aquilo que compreendemos como o que, no texto, tentamos compreender” (CULLER, 1999, p. 69).

Ao sentir-se preparado para produzir uma obra literária, o autor “tira as palavras do nada e as dispõe em um todo articulado” (CANDIDO, 2004, p. 177) que serão organizadas e se tornarão capazes de entrar em contato com o espírito do indivíduo. A partir desse momento, ocorrerá uma organização pessoal e, posteriormente, do mundo. Candido trata a desorganização das palavras como um caos que logo é substituído pela ordem. Essa superação do caos agirá também no interior do autor, já que esse irá ordenar as palavras permitindo a atuação da mensagem.

Conforme Zilberman (1990), a literatura tem a capacidade de levar o leitor a refletir acerca de sua rotina e a incorporar experiências novas. O homem se torna mais responsável a partir do momento que possui autoconsciência e conhece a sociedade a qual está inserido. É importante frisar que o texto literário serve de espelho para o leitor, pois o leva a se enxergar e a se questionar sobre sua existência.

A literatura é uma rica fonte de conhecimento e que auxilia o professor a proporcionar novas experiências aos seus alunos. Cavalcante e Pereira (2010, p. 427), afirmam:

A literatura não dá somente informação ao seu leitor, mas principalmente a formação de seu “espírito”, de tal modo que a ação sobre o mundo se faça impregnada dessa riqueza. Diante da literatura abrem-se inúmeras virtualidades cognitivas do texto, pois como seres singulares, temos reais condições de interpretar de maneiras diversas. Esse contato com o texto literário é riquíssimo para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos indivíduos, para que eles possam constituir-se cada vez mais seres humanos reflexivos e críticos. Não há uma leitura pronta e única desse tipo de texto, quer dizer, produz-se leitura no pleno diálogo leitor-texto-autor.

A sociedade celebra o crescimento e evolução exorbitante das tecnologias e do capitalismo, tais fatos proporcionam meios para resolver os problemas sociais, no entanto, a desigualdade social só aumenta exageradamente. Sabemos que todos têm direito há uma moradia, saúde, alimentação, mas não há uma atenção voltada para o acesso aos bens culturais, ao acesso à arte e à literatura. A literatura é fonte de conhecimento, problematiza a vida do homem e, por isso, está inteiramente interligada aos direitos humanos (CANDIDO, 2004). Ao colocar em questão assuntos que até agora

estavam subtendidos na sociedade, a arte da palavra auxilia na desmistificação de ideias, na promoção de debates e, com isso, dispõe de meios que podem humanizar o homem.

Vale ressaltar que o sujeito tem direito à literatura, seja ela de massa ou culta. Ambas possuem linguagens diferentes e objetivos específicos, no entanto, como veremos, estão a problematizar as relações sociais. Clarice nos apresentou com obras introspectivas e personagens que buscam encontrar o sentido da existência humana; Graciliano Ramos nos mostrou a saga dos nordestinos na seca; Machado de Assis, com o seu realismo, desmascarou o sujeito vaidoso, mostrou a hipocrisia, a paixão pelo dinheiro e por bens materiais; todos estes autores, e outros pertencentes à literatura culta, com suas grandiosas inovações linguísticas, fonéticas, morfológicas, sintáticas e temáticas, ressaltaram temas sociais importantes da sua época e que ainda hoje são atuais, pois grande parte das suas obras são atemporais. Por sua vez, a literatura de massa segue traçando um caminho bem pertinente ao trazer para seu enredo o mundo dos adolescentes: a sua relação com o mundo moderno, com a insegurança, o uso de drogas, a gravidez na adolescência, questões sobre a sexualidade estão sendo retratados e problematizados nas páginas dos livros. A partir disso, entendemos que a literatura, contemplando a de massa e a culta, é importante para a sociedade e a sua leitura proporciona o conhecimento.

3. A literatura que problematiza o mundo dos adolescentes

A literatura ultrapassa qualquer barreira geográfica, supera qualquer distância e mostra que o impossível não existe quando a imaginação é infinita. Todas obras literárias contribuem para a formação intelectual do sujeito, são novas experiências que serão vividas e sentidas por meio da leitura e, conseqüentemente, do contato com as palavras.

Dentre as obras da literatura de massa que estão a fazer sucesso entre o público, à título de exemplo, estão os *best-selles* *Extraordinário* (2013), de Raquel Jaramillo Palácio; *A Menina que Roubava Livros* (2007), de Markus Zusak; *Não Se Apega, Não* (2014), de Isabela Freitas; *A Culpa é das Estrelas* (2012), de John Green; e *As vantagens de Ser Invisível* (2007), de Stephen Chbosky.

O *Extraordinário* (2013), de R. J. Palácio, aborda um tema muito delicado: o *bullying*. A narrativa gira em torno de um garoto que nasceu com uma doença genética rara e que provocou deformações no seu rosto. Passou por muitas cirurgias, o que

desencadeou uma certa dificuldade em estar em contato com outras crianças da sua idade. Ao tentar ser uma criança como outra qualquer, Auggie demonstra o quanto a gentileza, a compreensão, o amor, a vontade de aprender e ensinar é importante para um bom convívio social e para a compreensão da importância das diferenças.

O nazismo, o preconceito e a Segunda Guerra Mundial são planos de fundo de *A Menina que Roubava Livros* (2007), de Markus Zusak. Essa história peculiar é contada por uma narradora mórbida, tal escolha justifica-se porque a Morte é aquela que está em todos os momentos, sendo eles na vida e na morte. A saga da jovem Liesel Meminger mostra-nos também a importância da leitura na vida das pessoas e para a sociedade, já que é uma rica fonte de conhecimentos e retira-nos da escuridão, além de proporcionar prazer.

Não se Apega, Não (2014), de Isabela Freitas, é o primeiro livro de uma trilogia que faz muito sucesso entre os jovens brasileiros. Conta a história de uma jovem personagem que busca preservar o seu lado romântico e ao mesmo tempo tenta desapegar das relações que não lhe fizeram bem. Demonstra aos jovens leitores que sempre em algum acontecimento ruim alguma lição positiva pode ser aprendida.

A Culpa é das Estrelas (2012), de John Green, possui adolescentes como protagonistas do enredo. Os “problemas” da adolescência, como os desejos, os desafios que aparecem no primeiro amor, são transformados em histórias cativantes, convidando o leitor para sentir dialeticamente tais experiências. O livro se torna um espelho e uma oportunidade de se questionar e se autoconhecer.

Nesse momento, iremos conhecer um pouco dessa obra literária, a fim de identificar alguns dos porquês do sucesso da literatura de massa no mundo dos ávidos leitores e, conseqüentemente, o quanto esses textos estão a problematizar a adolescência.

Em *A Culpa é das Estrelas*, lançado em janeiro de 2012, John Green abre as portas de uma realidade que, se não é vivida, é compartilhada por todos, trazendo à tona a rotina de um jovem casal que está em luta constante contra o câncer e que compartilham de um mesmo sentimento: o amor. A obra conta com vinte e cinco capítulos, apresenta uma linguagem clara, acessível a todos os públicos e se tornou um *best-seller*. Conforme o site PublishNews (2017), que monitora o mercado editorial no Brasil, em 2013 foram vendidos 264.972 mil exemplares, em 2014 esse número cresceu para 646.802.

O romance é narrado em primeira pessoa, contendo assim um narrador personagem. Logo no primeiro capítulo, o autor apresenta o conflito da obra: Hazel Grace, uma adolescente de dezesseis anos, detalha o sofrimento que a acompanha devido ao câncer na tireoide com metástase nos pulmões. Desde então, estabelecia uma relação de dependência com um cilindro verde de oxigênio transportado por um carrinho de aço. De acordo com Hazel, “a geringonça era necessária porque meus pulmões faziam um péssimo trabalho como pulmões” (GREEN, 2012, p. 15).

Praticamente forçada pela mãe, Hazel frequentava um grupo de apoio às pessoas portadoras de câncer. Foi em uma das reuniões que a protagonista se deparou com Augustus Waters, um jovem de dezessete anos que teve osteossarcoma e como consequência apresentava a ausência física de uma perna.

Ainda no início da narrativa, Hazel revela sua paixão por Peter Van Houten, escritor de *Uma aflição imperial*, seu livro preferido. Para a jovem, depois de seus pais, Van Houten era seu melhor amigo: “meu terceiro melhor amigo era um escritor que nem sabia que eu existia” (GREEN, 2012, p. 19). O maior desejo de Hazel era encontrar esse autor e descobrir o que realmente ocorreu com Anna, a protagonista da história.

Uma aflição imperial é um livro fictício mencionado em *A Culpa é das Estrelas*. Se tornou o livro mais preferido da protagonista Hazel por trazer a história de uma jovem chamada Anna que possui câncer e tem sua vida interrompida, na narrativa, no meio de uma frase, logo o livro não traz um desfecho para a história. Destarte, Hazel sentiu-se aflita ao não ter certeza se Anna é vencida pelo câncer ou se sua doença foi agravada a ponto de não conseguir seguir com a narração.

Sabendo do desejo de Hazel, Augustus destina suas economias para a compra de passagens para Amsterdam, com a finalidade de encontrar Van Houten. No entanto, ao chegar na Holanda, não foram bem recepcionados pelo escritor, que fingiu não saber do desfecho da história ou não sentiu interesse em contá-la. Decepcionados, Hazel e Augustus são convidados pela secretaria de Van Houten para visitarem o museu de Anne Frank.

Logo depois, os dois voltaram para o hotel e Hazel ficou no quarto de Augustus, onde se entregaram à paixão que sentiam um pelo outro. No dia seguinte, Augustus revela que sua osteossarcoma havia voltado. Em seguida, seu amado foi internado e dias depois Hazel recebeu a notícia de sua morte.

Van Houten, o autor de *Uma Aflição Imperial*, comparece ao velório de Augustus e entrega uma carta a Hazel, mas a jovem prontamente a recusa, pois ainda estava chateada com o episódio que aconteceu na casa do escritor, em Amsterdã. Determinado a se explicar para Hazel, Van Houten pediu-lhe uma carona e no caminho explicou que Anna era, na verdade, sua filha, vítima do câncer. Logo em seguida, Hazel descobriu que a carta foi escrita por Augustus, pedindo para que o escritor revelasse o fim do enredo presente no seu livro.

Escrever um romance que gira em torno da vida de adolescentes, o sofrimento dos jovens e de suas famílias devido a uma doença, e também ao retratar questões relacionadas ao amor e aos primeiros relacionamentos dos jovens, permitiu que Green conseguisse sucesso de público.

Dessa maneira, *A Culpa é das Estrelas* é um forte exemplo de como a literatura de massa conquista os ávidos leitores. Conforme Aranha e Batista (2009, p. 127), o *best-sellers*, em sua maioria, segue uma linearidade na narrativa, com início, meio e fim bem delineados, porque o foco está no enredo. Além disso, há

a forte presença do dialogismo no correr destas narrativas, elemento este que contribui para uma adesão mais intensa do leitor. Aliada a esta estrutura, encontra-se a linguagem simples e leve, objetivando transmitir informações de fácil interpretação popular, minimizando o esforço do leitor, no sentido de não lhe exigir erudição como pré-requisito para a fruição do texto. O que reforça o entendimento de que o principal foco deste gênero está na estruturação do enredo e não na exploração da linguagem.

A literatura de massa possui uma escrita estética, mesmo não detendo uma preocupação na inovação da linguagem. Nessas narrativas há uma economia vocabular, usa-se mais uma linguagem do cotidiano e, principalmente, a do mundo jovem. Segundo Paes (*apud* PIRES, 2016), para garantir sucesso de vendas e manter os seus consumidores, os autores utilizam das mesmas técnicas de elaboração do enredo e da estrutura, pois já são conhecidas e aprovadas pelo público. Assim, a linguagem simples é utilizada, não usufruindo de recursos estéticos que possam dificultar a leitura e a sua compreensão.

Em toda a narrativa de *A Culpa é das Estrelas*, é possível observar o uso de uma linguagem juvenil utilizada pelas personagens, principalmente pelo fato de que o público alvo da obra são os adolescentes. Entretanto, o ato de não utilizar uma linguagem mais rebuscada e com intensiva carga estética, não minimiza a possibilidade

de a obra impulsionar o leitor a realizar questionamentos pertinentes. Por todo o livro, o leitor é impulsionado a refletir sobre a vida, o mundo e o seu eu, pois, como diz Hazel, “às vezes as pessoas não têm noção das promessas que estão fazendo no momento em que as fazem” (GREEN, 2012, p. 61) e também “alguns infinitos são maiores que os outros” (p. 235). Ademais, para demarcar ainda mais características joviais, os aparelhos tecnológicos são utilizados como um dos principais mediadores de diálogos entre as personagens, principalmente entre Hazel e Augustus: “quando saímos do cinema, vi que tinha recebido quatro torpedos do Augustus” (GREEN, 2012, p. 54).

Conforme Sodré (*apud* PIRES, 2016), um dos fatores que se tornam mais importantes para o escritor dos *best-sellers* são os personagens marcantes, os clichês românticos, como a idealização do amor perfeito, a partir disso, surge um realismo que não é crítico. Para Eco (*apud* ARANHA; BATISTA, 2009) há a busca pelos elementos fabulativos e os clássicos, como a tensão, o clímax, o desfecho e a catarse bem definidos, além da preocupação em aproximar o enredo com o mundo do leitor e com as inovações da vida contemporânea.

Os *best-sellers* auxiliam na aquisição de novos conhecimentos, à medida que levam o leitor a ter contato com novas realidades e histórias. De acordo com Sodré (*apud* PIRES, 2016), o que diferencia dos clássicos é que o sentido pedagógico das obras da literatura de massa estão manifestas na epiderme da escrita, ao contrário das obras consideradas clássicas em que as informações importantes estão latentes, nas entrelinhas e requer uma leitura detalhada.

Em *A Culpa é das Estrelas*, além de abordar o cotidiano dos jovens, o seu primeiro amor, suas alegrias e desavenças com sua turma de amigos, Green consegue trazer de forma real e simples a batalha constante que algumas pessoas enfrentam contra o câncer. As personagens principais convivem com essa doença que as colocam numa ininterrupta perspectiva de morte. Tal narrativa foge da normalidade, porque poucas são as obras que trazem o câncer como temática. Com isso, os leitores, além de se entreterem com os momentos amorosos e cômicos da vida das personagens, também aprendem com eles, principalmente a não desistirem de querer viver quando surgem momentos trágicos nas suas vidas.

Outro grande representante dessa nova fase de histórias é *As vantagens de Ser Invisível* (2007), de Stephen Chbosky. A história é narrada em primeira pessoa, pelo protagonista Charlie, um jovem de 15 anos que escreve cartas endereçadas para o seu

amigo imaginário. Charlie passa por diversos momentos atribulados: a morte da sua tia e o suicídio do seu único e melhor amigo; o seu primeiro amor e as dificuldades de relações interpessoais que enfrenta na nova escola; ademais, sofre por se sentir só, por não ter amigos.

Apesar de sua família, composta por um casal de irmãos e seus pais, estar sempre presente e prontos a ajudar, ele se sente só: sente falta do seu amigo e queria poder se relacionar de forma afável com as demais pessoas, principalmente com os jovens da sua idade.

Nisso, percebemos que o homem não consegue viver sozinho, sempre precisa de um amigo para contar seus segredos, suas descobertas e também para apenas sentar ao seu lado, olhar dentro dos seus olhos e poder saber que há alguém em quem confiar e que proporcionará momentos indescritíveis em sua vida.

Não é fácil sorrir com muitos problemas na mente, às vezes parece que o mundo está em plena destruição. Para a psicanálise, conforme Monteiro e Lage (2007), a adolescência é marcada pelos processos de luto. Desde pequeno a criança vai desprendendo-se dos seus pais e compreendendo a existência necessária da onipresença. Quando maiores, há o desafio de posicionar-se perante a sociedade e de fazer escolhas e abdições. Surge assim, o luto pelos pais que durante a infância eram seu corpo e alma, agora há a morte que simboliza a ausente presença, a perda de um pequeno grande pedaço seu.

Na ausência de uma pessoa real, Charlie escreve cartas, que “[...] existe uma comunhão que um diário não tem” (CHBOSKY, 2007, p. 216), para seu amigo imaginário e assim pode confiar em contar sua vida, seus medos e anseios sem ser julgado por alguém, sem se expor. Charlie mostra-nos as vantagens de ser invisível:

Querido amigo, estou escrevendo porque ela disse que você me ouviria e entenderia, e não tentou dormir com aquela pessoa naquela festa, embora pudesse ter feito isso. Por favor, não tente descobrir quem ela é, porque você poderá descobrir quem eu sou, e eu não gostaria que fizesse isso. Chamarei as pessoas por nomes diferentes ou darei um nome qualquer porque não quero que descubram quem eu sou. Não estou mandando um endereço para resposta pela mesma razão. E não há nada de ruim nisso. É sério. [...] esta é a minha vida. E quero que você saiba que sou feliz e triste ao mesmo tempo, e ainda estou tentando entender como posso ser assim. [...] Não sei por que escrevo essas coisas para você ler. Estou escrevendo esta carta porque as aulas começam amanhã e estou com muito medo de ir. Com amor, Charlie (CHBOSKY, 2007, p. 12-16).

É incrível como a literatura consegue descrever os mais simples e complexos sentimentos da mente humana. Nesse livro, é possível conhecer um pouco da importância da leitura e da literatura para as pessoas. Consoante Freud, em *Escritores Criativos e Devaneios* (1908/1996), é por meio da escrita literária que o sujeito encontra um meio de se esvaziar, de expressar os seus desejos mais ocultos. Ler e escrever são momentos de entrar em contato com o oculto, com os medos, angústias e alegrias. Dessa maneira, “ao escrever, as portas do seu (in)consciente se abrem ao ponto de permitir a construção de diálogos desconexos, sem a linearidade do tempo. Escrever é entregar-se, é uma espécie de associação livre” (SANTOS; CARVALHO, 2017, p. 28). Como diz o célebre Manuel de Barros, “é difícil fotografar o silêncio”, mas Charlie, ao escrever sobre sua vida, conseguiu não apenas fotografar o silêncio, também representou a dor que o silêncio da sua mente desempenha em sua vida.

O jovem leitor, no ato de ler, entra em contato com um mundo que poderia ser seu e tem a possibilidade de sentir os mesmos sentimentos que estão expressos pelas palavras de Charlie. Por isso, a literatura de massa faz sucesso entre os ávidos leitores, uma vez que se tornou indispensável para compreender o homem e favorece ao processo de *identificação*.

A vida de Charlie começa a mudar completamente quando ele conhece os irmãos Sam e Patrick. Com essa nova amizade, passa a explorar um mundo diferente, tem novas experiências e amplia o seu círculo de amizades. O garoto entra no Grupo dos Deslocados. Chbosky, em seu livro, nesse momento, começa a abordar temas polêmicos e atuais como a homossexualidade, o uso de drogas lícitas e ilícitas, a gravidez na adolescência e o abuso sexual entre os jovens. Tais problemáticas que se fazem presentes nessa narrativa abrem espaços para a problematização e debates críticos a respeito de assuntos excluídos sociologicamente e encobertos de preconceitos.

É visível que o protagonista encara a vida e os problemas que nela surgem quase com um olhar inocente. Ele não busca compreender as incógnitas que o deixou assim, apenas deseja aproveitar e viver a vida de todas as maneiras, já que é uma forma de esquecer seus medos. Cabe salientar que algumas maneiras encontradas para proporcionar prazer pelos personagens da obra provocam sérios riscos, por isso, torna-se de extrema importância debater tais assuntos na sala de aula e com a família.

Sua vida às vezes é invisível, preto e branco. Ser invisível proporcionou encontrar os melhores amigos que ele já pôde ter, mas sua visão e atitude passional o machucam por dentro. Sam, sua amiga, adverte:

É ótimo que você ouça e seja um ombro amigo para alguém, mas há momentos que a gente não precisa de um ombro. E se precisarmos de um abraço, ou coisa parecida? Você não pode se limitar a se sentar lá, colocar a vida de todos à frente da sua e pensar que o que importa é o amor. Não pode fazer isso. Você tem que fazer coisas (CHBOSKY, 2007, p. 209-210).

Outro fato decisivo para explicar as ações e atitudes de Charlie é que seus traumas, transtornos e infelicidade têm raízes na relação entre ele e sua tia Helen. Ela morreu no dia do seu aniversário de cinco anos, quando fora comprar o presente de aniversário para o garotinho. Em sua mente, várias cenas entre ele e sua tia aparecem diariamente, provocando surtos. Ademais, logo após ser beijado e acariciado por Sam, Charlie relembrou seu passado por meio de um sonho.

Quando eu dormi, tive um sonho. Meu irmão, minha irmã e eu estávamos assistindo à televisão com a tia Helen. Tudo estava em câmera lenta. O som era abafado. E ela estava fazendo o mesmo que Sam fez comigo. Foi quando eu acordei (CHBOSKY, 2007, p. 213).

Segundo Freud (2001), nos sonhos há o conteúdo manifesto, aquele que podemos lembrar, e o conteúdo latente que corresponde aos significados reprimidos. A psique, para evitar um surto psicótico, cria uma barreira de energia, o recalque, para assim, não nos lembrarmos dos significados que podem ser bons ou ruins. O sonho possui um significado oculto, são desejos do inconsciente. Desvendá-lo é preenchê-lo de significações. Dessa forma, Charlie, com ajuda de um psicólogo, consegue desvendar o mistério de seus sonhos e alucinações. “[...] eu imagino que tudo que sonhei sobre a tia Helen era verdade. E depois de algum tempo, percebi que acontecia todo sábado, quando estávamos assistindo à televisão” (Chbosky, 2007, p. 218).

A literatura atende às necessidades essenciais do homem. Conforme Samuel (2006), por meio da mimese, há a profunda problematização da realidade inventada, o mundo, as ações e sentimentos humanos tornam-se descritivos. Essa arte favorece conhecer e aprender com a vida; proporciona prazer e emoção .

A literatura é um caminho que proporciona ao sujeito sentir e vivenciar dialogicamente as aventuras humanas, pois o sujeito, no ato de ler, é posto de frente

com a essência do homem, com os sentimentos negativos e positivos. A literatura, portanto, proporciona a catarse, a purificação da alma do sujeito-leitor.

Em vista disso, analisa-se que literatura de massa não pode ser excluída e nem inferior às obras canonizadas, pois é um caminho seguro e pertinente para o incentivo à leitura. O contato com esses novos enredos insere os sujeitos no mundo das palavras literárias (ECO *apud* PIRES, 2016).

Segundo Brito (2010, p.03), “cada leitor possui uma experiência própria, cotidiana e pessoal, tornando a leitura única, incapaz de se repetir, e este é o seu grande encanto”. A cada leitura, uma nova interpretação é formulada, o sujeito se torna mais experiente e crítico. Brito afirma também que por intermédio da leitura o indivíduo entende o mundo que o cerca e é transformado ao ponto de abrir sua mente para o desconhecido e construir um mundo melhor para si e para os demais.

Considerações finais

A literatura, ao ampliar a visão de mundo do sujeito, irá torná-lo mais compreensível e flexível perante a sociedade. Isso prova que a literatura proporciona meios para que o homem organize e conheça os seus sentimentos. A arte da palavra possibilita certa interação entre diferentes realidades que inicialmente eram completamente estranhas umas para as outras, como por exemplo o contato com histórias de pessoas que enfrentam o câncer, com jovens que sofrem por perder a pessoa amada ou por causa da realização frustrada de alguns sonhos, como podemos ver no romance de John Green. Ou seja, são as artes literárias que “nos mostram como vive outra gente, como pensa, como sente” (CAVALCANTE; PEREIRA, 2010, p. 427).

O prazer em ler as obras da literatura contemporânea, em especial os *best-sellers*, surge no momento em que o leitor se identifica com os personagens e consegue compreender a linguagem utilizada. Os *best-sellers* auxiliam na construção de um repertório de leituras e prepara os ávidos leitores para as obras que possuem linguagem mais complexa. Meier ressalta que um texto puxa outro e prepara o leitor para o seguinte (ARANHA; BATISTA, 2009).

Cada indivíduo irá associar o conteúdo exposto na obra literária com suas experiências de vida, permitindo o despertar de sentimentos diversos e a reflexão, mas cada sujeito irá reagir de uma forma diferente, pois o ser humano é singular, único. A importância e a função de um texto literário irão depender também de cada leitor, das

relações que irão fazer. Cavalcante & Pereira (2010) explicam que a obra literária não constitui um texto utilitário, é a partir do diálogo entre texto e leitor que as funções e finalidades da literatura serão atribuídas.

Entendemos que alguns romances da literatura de massa buscam problematizar a vida dos jovens e a trazem para o centro do enredo temas como o câncer e a depressão. A paixão, a luta contra o câncer, questões sobre a sexualidade e as aventuras vividas por jovens abordados em *A Culpa é das Estrelas* (2012), do escritor norte-americano John Green, e em *As Vantagens de Ser Invisível* (2007), escrito por Stephen Chbosky, demonstram que mesmo com uma linguagem simples e com a produção atrelada ao mercado capitalista, os *best-sellers* problematizam a vida dos adolescentes e trazem para o centro do enredo temas que até então eram marginalizados sociologicamente ou apenas esquecidos, auxiliando, dessa maneira, na produção de conhecimentos e na desmistificação de preconceitos.

Referências

ARANHA, Gláucio; BATISTA, Fernanda. Literatura de massa e mercado. In: *Revista CONTRACAMPO*, nº 20. Niterói, RJ: agosto de 2009.

BAYARD, Pierre. *Como falar dos livros que não lemos?*. Tradução Rejane Janowitz, Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Ouro Sobre Azul. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

_____. *Vários escritos*. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004.

CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias; PEREIRA, Cilene Margarete . O Valor e a Importância da Literatura para a Formação do Homem: dois autores, Machado de Assis e Manuel Bandeira. *Revista Travessias*, v. 4, n. 3, p. 425-439, 2010.

CEREJA, Willian Roberto. *Ensino da literatura: uma proposta pedagógica dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Ed. Atual, 2005.

CHARTIER, A-M; HÉBRARD, J. *Discursos sobre a leitura: 1880-1980*. São Paulo: Ática, 1995.

CHBOSKY, Stephen. *As Vantagens de Ser Invisível*. Rio de Janeiro: Roco, 2007.

COIMBRA, Rosicley Andrade. Mimesis e literariedade: (esboço de um) percurso investigativo. *Revista Travessias*, v. 4, n. 1, p. 274-283, 2010.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

_____. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais LTDA, 1999.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

FERREIRA, Sara Goretti; SANTOS, Ray da Silva; CARVALHO, Camila Ferreira de. O *best-seller* e sua importância no letramento literário escolar. *CRÁTILLO: revista de estudos linguísticos e literários*, v. 10, p. 32-46, 2017.

FREITAS, Isabela. *Não se apega, não*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GAIGNOUX, Aline de Azevedo. *O texto literário na escola*. 2014. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/estudos/Palimpsesto19estudos07.pdf>>. Acesso em: 10 de Out. 2016.

GREEN, Jonh. *A Culpa é das Estrelas*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

HOLANDA, Lourival. Reconsiderando a crítica literária. *Revista Fronteira Z*. São Paulo, 2012.

LALOJO, Marisa. *O que é literatura*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEDO, Teresinha de Oliveira; MARTINS, Patrícia. *Manual de literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira*. São Paulo: DCL, 2001.

LIMA, Sirleide de Almeida; SOUZA, Agostinho Potenciano de; CORSI, Solange da Silva. O *best-seller* e a formação do gosto pela leitura dos jovens leitores. *Revista Eco Póis*, v. 18, n. 1, 2015.

PALACIO, R. J.. *Extraordinário*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

PINHEIRO, Alexandra Santos. DAU, Mayara Regina Pereira. *O que é Literatura?: Leituras dentro e fora da escola*. In: Revista Linguagem Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) (*on line*). 18 ed. São Carlos: São Paulo, 1º semestre de 2012. Disponível em: <<http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/044.pdf>> Acesso em: 20 fevereiro de 2014.

PIRES, Priscila Aparecida Borges Ferreira. *Entre Novas e Velhas Distopias: Admirável Livro Novo*. Londrina, 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza). Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

PUBLISHNEWS. *Lista de Mais Vendidos Geral de 2014*. Disponível em:<<http://www.publishnews.com.br/ranking/anual/0/2014/0/0>> Acesso em: 30 abr. 2017.

PUBLISHNEWS. *Lista de Mais Vendidos Geral de 2015*. Disponível em:<<http://www.publishnews.com.br/ranking/anual/0/2015/0/0>> Acesso em: 30 abr. 2017.

SANTOS, Ray da Silva; REIS, Camila Santos; NASCIMENTO, João Paulo de Andrade. *A literatura na sala de aula: novo olhar perante o ensino-aprendizagem da língua materna*. Aracaju: Unit, 2016. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/2262>. Acesso em: 19 de março de 2017.

SILVA, Ivanda Maria Martins. *Literatura em Sala de Aula: da Teoria Literária à prática escolar*. 2003.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. *Teoria da literatura*. 10 ed. São Paulo: Ática, 2007.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Literatura e pedagogia: ponto & contraponto*. Porto Alegre: Global, 2008.

ZUSAK, Markus. *A menina que Roubava Livros*. Rio de Janeiro: intrínseca, 2007.